

UM TRIENTE INÉDITO DE VITÉRICO BATIDO EM RODA

POR MÁRIO RAMIRES

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. Luis Pinto Garcia recebi um honroso convite para colaborar no presente número de NVMMVS em homenagem à memória de seu Pai, que foi o distinto tenente-coronel de cavalaria, António Elias Garcia, ilustre numismatólogo e sócio honorário da S. P. N. Por me ter sido solicitado um artigo de natureza numismática e não ter, na ocasião, assunto com que pudesse corresponder, fui obrigado a declinar a honra que se me oferecia apesar de me sentir na obrigatoriedade de participar na homenagem. É que tratando-se dum grande Amigo como era o tenente-coronel Elias Garcia, meu antigo comandante de Regimento e, por assim dizer, o meu iniciador numismático, que tantas vezes me recebeu fidalgamente em sua casa e me proporcionou agradabilísimos serões, facultando-me a sua valiosa colecção, a sua grande e preciosa biblioteca e a inesgotável fonte dos seus conhecimentos, eu teria de ser dos primeiros a declarar o meu «presente» quando se tratasse da prestação dum tão merecido preito.

Quis o acaso que pouco tempo depois surgisse a possibilidade de poder tornar efectiva a comunicação do aparecimento, na região minhota, de um importante tesouro de áureos romanos de que anteriormente tinha um conhecimento bastante impreciso, pouco próprio para dele poder fazer um relato circunstanciado. Apressei-me a noticiar o facto ao meu Ex.^{mo} Amigo Dr. Pinto Garcia e a oferecer-lhe o artigo se acaso ainda houvesse oportunidade de o fazer inserir no número da Revista que me constava estar já em preparação. O oferecimento foi aceite e a S. P. N., consultada sobre o propósito, amavelmente informou da possibilidade.

Novamente o acaso se intrometeu na questão, desta vez possibilitando um outro assunto da mesma índole mas talvez de maior relevo numismático, posto diga respeito a uma só moeda, de ouro também, mas pertencente à numária visigoda e julgada inédita.

Entre os dois assuntos que se me ofereciam para poder tomar parte na homenagem ao insigne numismatógrafo pareceu-me naturalmente indicado o segundo por se tratar do ramo da numismática que ele mais fervorosamente cultivou e do qual nos legou imperecíveis conhecimentos.

Relembro com saudade o seu convívio e as suas amigas lições, o entusiasmo e o carinho com que manuseava a sua linda colecção de 43 «trientes», disposta em tabuleiros forrados de veludo, sobrepostos numa caixa de xarão, conjunto onde brilhava como estrela de primeira grandeza o «Suintila de Portocales», uma das últimas, se não a última das suas aquisições, efectuada quando, já oficial da reserva, fez uma passagem pelo Alentejo em serviço de Recenseamento de animais e veículos. Honrou-me mais tarde com a incumbência de transmitir ao saudoso Dr. Vasco Valente, ilustre Director que foi do Museu Nacional de Soares dos Reis, a sua proposta de venda dessa numisma «única», dizendo não querer que lhe ficasse a

pesar na consciência o deixar de consultar primeiramente a entidade representante do Estabelecimento onde essa moeda tinha o seu lugar de direito.

O seu modesto discípulo que eu fui não fez progressos que se vissem e com os quais honrasse o Mestre. Assim, a homenagem que posso prestar-lhe não tem mais valor do que o de uma presença insignificante. Mas valoriza-a ao menos o facto de se tratar de um assunto não só de grande interesse numismático mas também da natureza que tanto agradaria ao Homenageado se dele pudesse tomar conhecimento.

Para o estudo da numária dos Bárbaros do Norte que invadiram a Península Hispânica em seguida ao domínio romano é costume considerar dois períodos distintos: o *pré-visigodo*, contado desde a invasão dos álanos, vândalos e suevos até à época em que um chefe visigodo — Leovigildo — cunhou as primeiras moedas comportando o seu nome como rei; o *visigodo* que se prolonga até final da dinastia destes invasores. Tanto num como no outro dos períodos a cunhagem parece ter sido limitada apenas ao metal ouro, na forma dos «trientes» — terços de soldo — e levada a efeito por motivos que até hoje não foi possível averiguar concretamente, podendo supor-se que o tenha sido apenas com o fim de reforçar o tesouro do Estado. Para as necessidades do comércio devia ter bastado o enorme volume da amoedação romana que esses invasores encontraram em circulação na Península.

O primeiro dos períodos considerados — o *pré-visigodo* — é o menos conhecido e estudado, principalmente porque as moedas não têm características próprias, não passando de imitações bárbaras das moedas de ouro dos imperadores romanos do Ocidente com legendas mais ou menos incorrectas contendo os nomes desses monarcas, tais como Valentiniano III, Anastácio I, Justiniano I, etc.

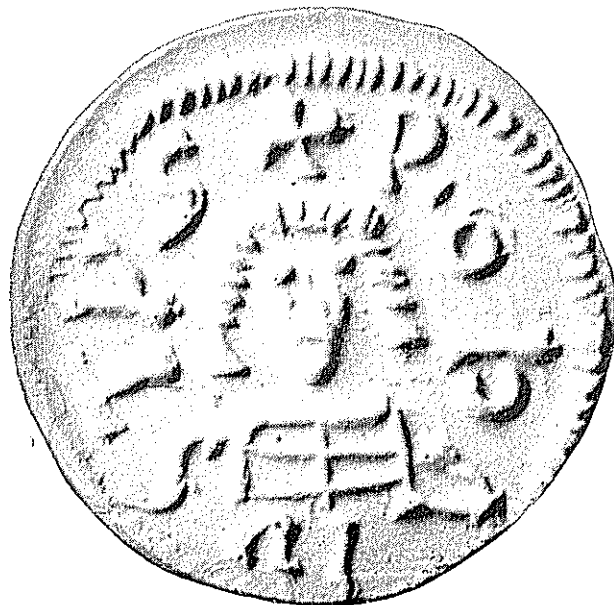
Concorre também para o imperfeito conhecimento da amoedação *pré-visigoda* o pequeno número de moedas que tem chegado até nossos dias. Creio que dificilmente se conseguirá contar mais de meio milhar de exemplares.

No segundo período considerado, o *visigodo*, que se estende desde cerca do ano 575 até à invasão da Península Hispânica pelos mussulmanos, em 711, a cunhagem é já mais conhecida e está hoje relativamente bem estudada na sua sequência uniforme através dos 17 monarcas e 4 pretendentes sucessores de Leovigildo. Esta numária, representando a primeira cunhagem medieval do Ocidente, é mais característica que a do período anterior e fornece seguras indicações acerca dos soberanos que a motivaram e das possíveis Casas de Moeda onde foi executada. Cada espécime comporta sempre um ou dois nomes de monarcas e o de uma localidade que tudo leva a supor ser a da cunhagem.

UM TRIENTE INÉDITO DE VITÉRICO BATIDO EM RODA



Ampliação ap. 1:4





O número de moedas visigodas hoje conhecidas, provenientes de sucessivos desenterramentos, apesar de maior que o do período pré-visigodo, é também muito reduzido. Não deve ultrapassar 4.000 exemplares. A razão principal da sua escassez deve residir na diminuta emissão da época. Mas quantas não terão sido lançadas no fatal cadinho, dado que se trata de espécimes de mesquinha aparência artística, difíceis de ler e de interpretar pelos leigos na matéria?! Moedas de ouro, feias, raras, moedas caras, poucos portugueses se têm interessado a fundo por elas e, no entanto, constituem um dos mais aliciantes sectores da Numismática em que esta ciência melhor representa o seu papel de subsidiária da História.

Apesar do muito que se sabe e se tem escrito sobre a numária deste período da ocupação da Península Hispânica pelos Godos, pressente-se que muito há ainda para descobrir e aclarar. São hoje conhecidas 79 Casas de Moeda — posto que de algumas se ignore a localização. As combinações dos seus nomes com os nomes dos 21 ou 22 monarcas que emitiram «trientes» apenas alcançam o total aproximado de 330. E se é raro que novos achados numismáticos nos revelem nomes ainda desconhecidos intercaláveis na série dos governantes visigodos, já o mesmo não sucede com a lista das Casas de Moeda. Nestas já é frequente o aparecimento de «novidades» que vêm aumentar aquele total de combinações e preencher muitas vezes um lugar que estava em aberto na sequência de qualquer cunhagem local. É o que agora se verifica com a moeda que originou este escrito.

Na já muito importante e conhecida colecção de mais de uma centena de moedas visigodas do Ex.^{mo} Sr. Afonso Pinto de Magalhães, da cidade do Porto, — 2.º prémio da Secção «Edad Antigua» da «1.ª Exposición Iberoamericana de Numismática y Medallística, de Barcelona, 1958», e por certo o segundo conjunto particular destas numismas e o quinto de todos os existentes — deu há dias entrada, por transacção efectuada com um ourives de Chaves, Belchior Alfredo da Silva, que por sua vez a comprou a um camponês da região, um espécime que se julga inédito e a que se atribui especial valor como achega para a história da numária visigoda. Trata-se de um *triente* de Vitérico, emissão de Roda, que a seguir se descreve e de que se junta gravura:

Anv.: — VVITTRICVS REX. Busto de frente, lig. variante do tipo 6-c de Miles.

Rev.: — RODA IVSTVS. Busto de frente, como o do Anv.
Peso — 1,43 grs. Mod. — 16 mm.

Esta moeda é já muito apreciável raridade se a considerarmos apenas pela pertinência à numária dum monarca cujo governo durou escassos seis anos (603 a 609) e da qual são hoje conhecidos só 130 espécimes, emitidos em 32 oficinas monetárias (Casas de Moeda). É maior raridade ainda se a referirmos à Casa de Moeda de origem, Roda ou Rodas, da qual só há notícia de mais 10 trientes, sendo 5 de Leovigildo (579-584), 3 de Recaredo (586-601) e 2 de Égica (687-702). Pelo confronto das datas dos três reinados reconhecia-se haver uma interrupção de emissões nesta Casa de Moeda de, pelo menos, 86 anos e nenhum facto histórico se conhecia que a pudesse justificar.

A moeda agora aparecida tem o mérito de encurtar em cerca de oito anos a lacuna até aqui verificada. Mas indica-nos também que o tipo da cunhagem desta oficina monetária se mantém igual ao da época do monarca anterior, Recaredo, e continua com as características da região Tarraconense.

Já no que diz respeito à situação da Casa de Moeda emissora, ao seu verdadeiro nome visigodo e á sua correspondência actual, nada acrescenta ao pouco que se conhece. Roda ou Rodas? Em 5 trientes de Leovigildo aparece uma ou outra designação, nos de Recaredo e de Égica só aparece Rodas.

Segundo alguns autores e creio que com muito apreciáveis fundamentos Roda ou Rodas deve corresponder à antiga RHODE, de tradição grega, e moderna Rosas, na parte norte do golfo do mesmo nome, no extremo nordeste da Espanha.

Aproveitando o ensejo para felicitar o Ex.^{mo} Sr. Pinto de Magalhães pela aquisição que acaba de fazer, transcrevo as palavras de um conhecido numismata do país vizinho a quem noticiei o evento:

«Piezas así son precisamente las que elevan la Numismática a la categoría de Ciencia Histórica de primer orden. El ingreso en una colección de un ejemplar de estas características coloca la colección en un primerísimo plano, ya que la convierte en un archivo de necesaria consulta para los historiadores».

A Sociedade Portuguesa de Numismática, muito grata pela grande colaboração prestada na organização deste número pelo Ex.^{mo} Sr. Doutor Luis Pinto Garcia, apresenta a este Bom Amigo e sócio honorário as suas melhores homenagens.

